

DEGRADAÇÃO Bioma mais rico do país detém 7,2% de área original preservada; em Minas, abriga apenas 2%

Mata Atlântica será monitorada via satélite

BRUNO MORENO

REPÓRTER

A Mata Atlântica, um dos biomas mais ricos e também mais degradados do país, vai ser monitorada em tempo real, via satélite. O anúncio foi feito na 8ª Conferência sobre Diversidade Biológica, que terminou sexta-feira em Curitiba. O último levantamento feito pelo Instituto Nacional de Pesquisa Espaciais (Inpe) e pela Fundação SOS Mata Atlântica revela que apenas 7,2% do bioma ainda estão preservados. O mesmo levantamento mostra que em Minas Gerais restam ainda 14% da área original.

A superintendente da Associação Mineira de Defesa do Meio Ambiente (Amdda), Maria Dalce Ricas, salienta que

4% do que ainda resta em solo mineiro são de matas contínuas e apenas 2% estão em Unidades de Conservação de Proteção Integral, que somam 150 mil hectares. O restante, segundo ela, é composto por fragmentos. Apesar de tantas perdas, a Mata Atlântica é considerada Patrimônio Natural da Humanidade pela Unesco.

O Plano de Monitoramento e Controle da Mata Atlântica será gerido pelo Ibama, já que essa cobertura florestal abrange 17 estados. O mesmo monitoramento é feito na Amazônia desde 2004, o que possibilitou planejar ações de combate ao desmatamento e controle de queimadas. Dalce Ricas ressalta que o monitoramento via satélite não pode ser apenas mais um instru-

mento subaproveitado nas políticas públicas de preservação de áreas remanescentes da Mata Atlântica. "Resta agora saber como utilizar essa tecnologia, que não pode ficar caracterizada como política de meio, que não chega aos fins, como ocorre com frequência", alerta.

O coordenador do Projeto de proteção da Mata Atlântica (Promata) do Instituto Estadual de Florestas (IEF), Eduardo Grossi, acredita que é preciso haver uma integração entre os estudos via satélite que já existem em cada estado. Para Dalce Ricas, um dos pontos fundamentais é atingir os compradores do carvão. "A compra de carvão da mata nativa deve ser ainda mais taxada pelo Governo, até que se torne inviável economicamente", sugere.

Área abriga 15 mil novas espécies

Pesquisadores da Universidade Federal de Lavras (UFLA) identificaram 15 mil novas espécies da fauna da Mata Atlântica. Apesar do número impressionar, estima-se que 95% dela ainda não foram descobertos. A pesquisa foi divulgada na oitava Conferência das Partes da Convenção sobre Diversidade Biológica.

São cupins, formigas, minhocas, besouros, fungos e bactérias, dentre outras espécies fundamentais ao equilíbrio de microecossistemas. Esses organismos vivos auxiliam no controle de pragas e na fixação de carbono pelas florestas - um dos maiores problemas enfrentados pela humanidade atualmente, com o excesso de gases de efeito estufa na atmosfera.

"Eles são os engenheiros do ecossistema, constroem túneis, galerias debaixo da terra. Isso ajuda as plantas a

se desenvolverem", explica a agrônoma e doutora em solo, Fátima Moreira, pesquisadora da UFLA e responsável pelos estudos no Brasil. O projeto é uma parceria entre o Museu de História Natural de Karlsruhe (Alemanha), Sociedade de Pesquisa em Vida Selvagem e Educação Ambiental e a Universidade Federal do Paraná.

Os resultados do trabalho realizado no Brasil foram publicados no livro Biodiversidade do Solo nos Ecossistemas da Amazônia e Outros Ecossistemas. "Os primeiros resultados demonstram que a forma como a humanidade utiliza o solo é determinante para a conservação da vida subterrânea", diz Fátima Moreira.

A pesquisa é fruto do Projeto de Conservação e Sustentabilidade da Biodiversidade do Solo, implementado pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente.

Itamarandiba pede socorro

Em Itamarandiba, no Vale do Jequitinhonha, a situação da Mata Atlântica é caótica. Em sobrevôos realizados pelo IEE em 2005, foram detectados na região mais de 600 pontos de desmatamento. O coordenador do projeto Promata do IEE, Eduardo Grossi, informou que o órgão está desenvolvendo um trabalho de fiscalização e vigilância constante. Além disso, pretende implementar ações que garantam alternativas de geração de renda. "A agricultura e a pecuária estão com baixa produtividade. Então, é do

carvão que vem o sustento. Só que os pequenos cobram uma verdadeira bagatela pelo produto", diz.

Uma das iniciativas em andamento no estado para minimizar os impactos da ação humana na Mata Atlântica é o Projeto de Proteção da Mata Atlântica (Promata), iniciado em 2004 e com duração prevista até 2007. São 140 mil quilômetros quadrados distribuídos em 429 municípios das regiões do Alto Jequitinhonha, Vale do Rio Doce, Zona da Mata, Centro-Sul e Sul, abrangendo 25% do Estado. No total, o investimento será de R\$ 50 milhões. O Promata já conseguiu repor 2 mil hectares da Mata atlântica e a meta é chegar a 5 mil hectares.